

As personagens e os acontecimentos descritos neste livro são pura ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é pura coincidência e não foi uma opção intencional da autora.

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Chemist*

Autora: *Stephenie Meyer*

Copyright © 2016 by Stephenie Meyer

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria de Almeida, Cristina Carvalho e Fátima Andrade*

Coordenação da tradução: *Maria de Almeida*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Design da capa: *Mario J. Pulice*

Fotografia da capa: *Kelly Campbell*

Fotografia da autora: *Jake Abel*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 416 293/16

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2016

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Este livro é dedicado a
Jason Bourne e Aaron Cross*

*(e também a Asya Muchnick e Meghan Hibbett,
por me terem auxiliado com entusiasmo nesta minha obsessão)*

CAPÍTULO 1

As voltas que iria dar hoje faziam parte da rotina da mulher que atualmente respondia pelo nome de Chris Taylor. Acordara muito mais cedo do que gostaria e tivera de desmontar e arrumar todas as precauções que habitualmente punha em prática durante a noite. Era uma maçada montar tudo ao deitar e depois ter de começar o dia a arrumar o que deixara montado, mas não lhe compen-sava perder a vida para se poder dar ao luxo de ter um momento de preguiça.

Cumprida esta tarefa diária, Chris entrara no seu sedã perfeitamente normal — com alguns anos, mas sem grandes danos que o tornassem memorável — e conduzira-o durante várias horas. Atravessara três grandes fronteiras e inúmeras linhas do mapa com menos importância e, mesmo depois de já ter alcançado uma distância relativamente segura, rejeitara várias povoações pelas quais ia passando: uma era demasiado pequena; outra só tinha duas estradas para entrar e para sair; outra ainda parecia receber tão poucos visitantes que não haveria forma de ela passar despercebida, apesar de toda a normalidade com que se esforçava por se camuflar. Tomou nota de alguns locais onde gostaria de voltar outro dia — uma loja de materiais de soldadura, uma loja que vendia excedentes militares e um mercado de produtores. Estava quase a chegar a época dos pêssegos; tinha de acumular um bom *stock*.

Finalmente, ao fim da tarde, chegara a um local animado onde nunca estivera antes. Até a biblioteca pública tinha bastantes pessoas.

Gostava de usar as bibliotecas sempre que possível. É mais difícil seguir o rasto daquilo que é gratuito.

Estacionou no lado poente do edifício, fora do ângulo da única câmara que havia e que estava sobre a entrada. No interior, todos os computadores estavam ocupados e havia várias pessoas paradas, à espera que vagasse um lugar, por isso dedicou-se a olhar para os livros, procurando algo relevante na secção de biografias. Descobriu que já lera tudo o que pudesse ter alguma utilidade. A seguir, procurou a obra mais recente do seu autor de espionagem preferido, um antigo membro das forças especiais da Marinha americana, pegando também em alguns livros adjacentes. Quando encontrou um lugar bom para se sentar, sentiu uma pontada de culpa; estranhamente, parecia-lhe demasiado vergonhoso roubar da biblioteca. Porém, arranjar um cartão da biblioteca estava totalmente fora de questão por uma série de razões e havia a possibilidade, embora remota, de que algo que lesse nesses livros a pudesse deixar mais segura. A segurança vencia sempre a culpa.

Na verdade, tinha a perfeita consciência de que isto era 99 por cento inútil — era extremamente improvável que algo ficcional tivesse qualquer utilidade real e concreta para ela —, mas há muito que lera todas as obras que havia de pesquisa baseada em factos. Na ausência de fontes principais para examinar, teria de se contentar com o refugio. Ficava com uma sensação de pânico maior do que o habitual sempre que não tinha *algo* para estudar. E chegara mesmo a encontrar uma dica que lhe parecera prática no último conjunto que levava. Já começara a incorporá-la na sua rotina.

Instalou-se num cadeirão de tecido coçado num canto recatado de onde conseguia ver bem os cubículos dos computadores e fingiu ler o livro que encimava a sua pilha. Conseguia perceber pela forma como vários utilizadores dos computadores tinham os seus pertences espalhados pela secretária — um deles até tirara os sapatos — que ficariam no seu lugar durante muito tempo. A estação de trabalho mais promissora estava a ser utilizada por uma adolescente com um monte de livros de referência e uma expressão stressada. A repariga não parecia estar a verificar quaisquer média sociais — efetivamente, dedicava-se a escrever os títulos e os autores gerados pelo motor de busca. Enquanto esperava, Chris curvou a cabeça sobre o livro, mantendo-o aninhado na curva do braço esquerdo. Com uma lâmina de barbear escondida na mão

direita, cortou muito direitinho o sensor magnético colado à lombada e enfiou-o no espaço existente entre a almofada e o braço da cadeira. Fingindo falta de interesse, prosseguiu para o segundo livro da pilha.

Chris estava a postos, com os seus romances desnudados já guardados na mochila, quando a adolescente se levantou para procurar outra fonte. Sem dar um pulo nem parecer apressada, Chris sentou-se na cadeira antes mesmo que qualquer das outras pessoas que esperavam por ali sequer se apercebesse de que a oportunidade tinha passado.

Na verdade, verificar o seu *e-mail* geralmente demorava cerca de três minutos.

Depois disso, teria pela frente outras quatro horas — se não fizesse uma condução evasiva — para regressar à sua casa temporária. Depois, é claro, teria de voltar a montar as suas salvaguardas antes de poder finalmente dormir. O dia do *e-mail* era sempre longo.

Embora não houvesse qualquer ligação entre a sua vida presente e esta conta de *e-mail* — não havia repetição de endereços IP, não eram discutidos locais nem nomes —, assim que acabava de ler e, se fosse necessário, responder ao seu *e-mail*, saíria porta fora e abandonaria a cidade a grande velocidade, distanciando-se da localidade o mais possível. Pelo sim, pelo não.

Pelo sim, pelo não tornara-se o mantra involuntário de Chris. Ela levava uma vida de preparação excessiva, mas, como frequentemente recordava a si própria, sem a preparação não teria qualquer vida para viver.

Seria bom não ter de correr estes riscos, mas o dinheiro não iria durar para sempre. Geralmente, encontrava algum trabalho de pouca importância numa lojinha familiar, de preferência num local que ainda mantivesse registos à mão, mas esse tipo de emprego só gerava fundos suficientes para o básico — alimentação e renda. Nunca dava para as coisas mais dispendiosas da sua vida, como identidades falsas, aparelhos de laboratório e os vários componentes químicos que armazenava. Por esse motivo, mantinha uma presença ligeira na Internet, encontrava um ou outro cliente que lhe pagava bem e fazia o que era preciso para impedir que esse trabalho chamasse a atenção daqueles que queriam pôr um fim à sua existência.

Os dois últimos dias em que consultara o seu *e-mail* tinham sido infrutíferos, por isso ficara satisfeita quando vira que tinha uma mensagem à sua espera — satisfeita durante aproximadamente as duas décimas de segundo que demorou a ler o endereço do remetente.

l.carston.463@dpt11a.net

Ali estava — o verdadeiro endereço de correio eletrónico dele, facilmente rastreável diretamente até aos seus antigos empregadores. Quando sentiu a pele de galinha na nuca e a adrenalina a bombear pelo seu corpo — *Corre, corre, corre*, parecia uma voz gritar dentro das suas veias —, parte de si ainda conseguiu escancarar a boca perante tamanha arrogância. Ela sempre subestimara o quão monumentalmente descuidados eles conseguiam ser.

Ainda não podem aqui estar, arrazouou consigo própria apesar do pânico, varrendo a biblioteca com os olhos à procura de homens com ombros demasiado largos para os seus fatos escuros, cortes de cabelo à militar, alguém que se movesse na sua direção. Consequia ver o carro através da janela de vidro e não lhe parecia que alguém tivesse mexido nele, mas também não tinha estado exatamente a vigiá-lo, pois não?

Portanto, conseguiram encontrá-la outra vez. Mas não tinham forma de saber onde ela decidiria verificar o seu *e-mail*. Era religiosamente aleatória no que tocava a essa escolha.

Naquele preciso instante, soara um alarme num pequeno gabinete cinzento, ou talvez em vários gabinetes, talvez até acompanhado por luzes vermelhas intermitentes. É claro que haveria um comando prioritário programado para rastrear este endereço IP. Vários corpos estariam prestes a ser mobilizados. Contudo, mesmo que usassem helicópteros — e tinham capacidade para isso —, ela tinha alguns minutos. O suficiente para ver o que o Carston pretendia.

O assunto dizia **Cansada de fugir?**

Sacana.

Abriu o *e-mail*. A mensagem não era extensa.

As políticas mudaram. Precisamos de ti. Um pedido de desculpas oficioso ajudaria? Podemos encontrar-nos? Não faria o pedido se não estivessem vidas em jogo. Muitas, mas mesmo muitas vidas.

Sempre gostara de Carston. Ele parecia mais humano do que muitos dos outros fatos escuros que o departamento empregava. Alguns deles — principalmente os que usavam uniforme — eram verdadeiramente assustadores. Este era provavelmente um pensamento hipócrita, tendo em conta o tipo de trabalho que ela antes fazia.

Por isso, era óbvio que tivessem escolhido Carston para estabelecer o contacto. Sabiam que ela estava sozinha e fragilizada e tinham enviado um velho amigo para a fazerem sentir-se acarinhada e confusa. Era uma questão de senso comum e provavelmente ela teria conseguido perceber o estratagema sem ajuda externa, mas não fazia mal nenhum ter visto esse mesmo estratagema uma vez num dos romances que roubara.

Permitira-se respirar fundo e trinta segundos de concentração. Deveria estar a focar-se na sua próxima jogada — sair desta biblioteca, desta terra, deste estado o mais depressa possível — e a interrogar-se se isso seria o suficiente. Seria a sua identidade atual ainda segura ou estaria na altura de mudar novamente de casa?

No entanto, esse foco fora descarrilado pela ideia insidiosa da oferta de Carston.

E se...

E se isto fosse realmente uma forma de conseguir que a deixassem em paz? E se a sua certeza de que isto era uma armadilha tivesse nascido da paranoia e de ler demasiada ficção de espionagem?

Se o trabalho fosse suficientemente importante, talvez lhe devolvessem a sua vida como forma de pagamento.

Pouco provável.

Ainda assim, não valia a pena fingir que o *e-mail* de Carston se perdera.

Respondeu da forma que acreditou que eles esperavam que respondesse, embora tivesse formado apenas um rascunho muito básico de um plano.

Cansada de muitas coisas, Carston. Onde nos encontrámos pela primeira vez, daqui a uma semana, meio-dia. Se vir alguém contigo, vou-me embora, blá-blá-blá, já sabes como é. Não sejas estúpido.

Pôs-se de pé e começou a andar no mesmo instante, dando uma passada volteada que aperfeiçoara, apesar das suas pernas curtas, e que parecia mais casual do que efetivamente era. Estava a contar os segundos dentro da sua cabeça, fazendo uma estimativa do tempo que um helicóptero demoraria a cobrir a distância entre Washington e esta terra. É claro que poderiam alertar as autoridades locais, mas esse não era habitualmente o estilo deles.

Não era o estilo deles de todo, ainda assim... tinha uma sensação tremendamente desconfortável, embora infundada, de que pudessem estar a fartar-se do seu estilo habitual. Não lhes granjeara os resultados que procuravam e não eram exatamente pessoas pacientes. Estavam habituados a conseguir o que queriam exatamente quando queriam. E há três anos que a queriam ver morta.

Este *e-mail* constituía seguramente uma alteração das suas políticas. Se fosse *mesmo* uma armadilha.

Tinha de assumir que seria. Esse ponto de vista, essa sua mundividência, era a razão pela qual ainda respirava. Contudo, uma pequena parte do seu cérebro já começara a sentir uma vã esperança.

Era um jogo em que a parada não era muito alta, tinha consciência disso. Apenas uma vida. Apenas a vida dela.

E esta vida, que conseguira preservar contra probabilidades tão fortes, era apenas isso e nada mais: uma vida. Apenas o mais básico dos básicos. Um coração a bater, dois pulmões a expandirem-se e a contraírem-se.

Estava viva, sim, e esforçara-se muito para assim continuar, mas, durante as suas noites mais escuras, por vezes interrogara-se sobre exatamente o que a motivava a esforçar-se. Será que a qualidade de vida que mantinha valeria todo este esforço? Não seria mais *relaxante* fechar os olhos e não ter de os abrir nunca mais? Não seria um nada vazio e negro ligeiramente mais agradável do que o terror inexorável e o esforço constante?

Apenas uma coisa a impedira de responder *Sim* e escolher uma das saídas pacíficas e indolores que tinha ao seu dispor, ou seja, uma motivação competitiva excessivamente desenvolvida. Foralhe muito útil quando estudara Medicina e agora mantinha-a a respirar. Não iria deixá-los *vencer*. Não havia qualquer hipótese de

lhes proporcionar uma solução fácil para o problema que tinham em mãos. Era provável que até conseguissem acabar por apanhá-la, mas teriam de se *esforçar* por isso, raios os partam, e também sangrariam por isso.

Encontrava-se agora dentro do carro e a seis quarteirões da entrada da via rápida mais próxima. Tinha um boné escuro a cobrir-lhe o cabelo curto, óculos de sol masculinos com uma grossa armação a tapar-lhe a maior parte do rosto e uma camisola larga que disfarçava a sua figura magra. Para um observador casual, provavelmente ter-se-ia assemelhado muito a um rapaz adolescente.

As pessoas que a queriam ver morta já tinham derramado algum sangue e deu por si subitamente a sorrir ao volante, enquanto as recordações lhe vinham à memória. Era estranho atualmente sentir-se assim tão confortável com o facto de matar pessoas, parecer-lhe assim tão gratificante. Tornara-se sedenta de sangue, o que era irónico, quando se tinha em conta todos os elementos da equação. Passara seis anos sob a tutela daquela gente e, durante todo esse tempo, não tinham conseguido fazê-la ceder, transformá-la em alguém que gostava do que fazia. Porém, três anos a fugir deles haviam mudado muitas coisas.

Sabia que não gostaria de matar uma pessoa inocente. Tinha a certeza de que não passara essa linha e nunca viria a passar. Havia pessoas com um trabalho semelhante ao seu — ao que tinha antigamente — que eram verdadeiramente psicóticas, mas ela gostava de pensar que era exatamente por essa razão que os seus pares não lhe chegavam aos calcanhares. Tinham as motivações erradas. Odiar o que fazia dava-lhe forças para o fazer melhor.

No contexto da sua vida atual, matar era vencer. Não venceria a guerra toda, apenas uma pequena batalha de cada vez, mas cada batalha não deixava de ser uma vitória. Era o coração de outra pessoa qualquer que deixava de bater e o dela continuaria a fazê-lo. Alguém viria à sua procura e, em vez de uma vítima, encontraria um predador. Uma aranha-violino castanha e invisível por detrás da sua teia armadilhada.

Era nisto que a tinham transformado. Interrogou-se se teriam algum orgulho no que haviam atingido ou se apenas sentiriam arrependimento por não a terem conseguido esmagar com rapidez suficiente.

Depois de já ter percorrido alguns quilômetros da via interestadual, sentiu-se melhor. O seu carro era de um modelo muito comum, haveria milhares de veículos idênticos na via rápida com ela neste momento, e as placas de matrícula roubadas seriam substituídas mal encontrasse um lugar seguro para parar. Não havia nada que a relacionasse com a cidade que acabara de deixar. Passara por duas saídas e optara pela terceira. Se quisessem bloquear a via rápida, não fariam ideia de onde o deveriam fazer. Ainda estava escondida. Ainda estava segura por ora.

É claro que seguir direita a casa estava fora de questão nesta altura. Demorou seis horas a regressar, serpenteando por várias vias rápidas e estradas nacionais, certificando-se constantemente de que não estava a ser seguida. Quando finalmente regressou à sua casinha arrendada — o equivalente arquitetónico a um calhambeque —, estava já meio a dormir. Pensou em fazer café, sopesando os benefícios de um estímulo de cafeína contra o peso de uma tarefa adicional, e decidiu fazer mais um esforço, alimentando-se dos resquícios energéticos de que ainda dispunha.

Arrastou os pés para subir os dois degraus instáveis do alpendre, evitando automaticamente o ponto enfraquecido à esquerda do primeiro degrau, e destrancou as duas fechaduras de segurança que instalara durante a primeira semana em que aqui se instalara; as paredes — simples estruturas de madeira, pladur, contraplacado e revestimento de vinil — não proporcionavam o mesmo nível de segurança, mas, estatisticamente, os intrusos optavam pela porta primeiro. As grades nas janelas também não constituíam um obstáculo insuperável, mas eram o suficiente para motivar o gatuno ocasional a procurar um alvo mais fácil. Antes de girar a maçaneta, tocou à campainha. Três toques rápidos que teriam parecido um único toque a alguém que a estivesse a observar. O som do toque dos sinos foi apenas ligeiramente abafado pelas paredes finas. Atravessou rapidamente a soleira da porta — sustentando a respiração, pelo sim, pelo não. Não ouviu nenhum som de vidro estilhaçado a ser esmagado, por isso, quando fechou a porta atrás de si, libertou o ar que estava a suster.

O sistema de segurança da casa fora da sua autoria. Os profissionais que estudara no início tinham os seus próprios métodos. Nenhum deles dispunha do seu conjunto de competências especializadas. E os autores dos vários romances que agora usava como

manuais implausíveis também não. Tudo o resto que precisara de saber fora fácil de encontrar no YouTube. Algumas peças de uma velha máquina de lavar roupa, uma placa de controlo encomendada através da Internet, uma campainha de porta nova e algumas peças variadas e conseguira montar uma armadilha sólida.

Trancara as fechaduras de segurança atrás de si e carregara no interruptor mais perto da porta para acender as luzes. Estava encastado num painel com mais dois interruptores. O do meio não era real. O terceiro interruptor, o que ficava mais afastado da porta, estava ligado ao mesmo cabo de sinal de baixa voltagem que a campainha da porta. Tal como essa instalação e a porta, os próprios interruptores tinham também várias décadas a menos do que qualquer outra coisa na pequena divisão de entrada que combinava sala de estar, sala de jantar e cozinha.

Tudo estava exatamente como deixara: peças de mobiliário minimalistas e baratas — nada suficientemente grande para ocultar um adulto —, bancadas e mesa vazias, sem quaisquer ornamentos ou objetos artísticos. Estéril. Sabia que, mesmo com o pavimento de vinil em tons de abacate e mostarda e o teto rugoso e brilhante, não deixava de fazer lembrar um laboratório.

Talvez o cheiro fosse a principal razão pela qual o local parecia um laboratório. A sala era tão escrupulosamente higiénica que um intruso provavelmente atribuiria aos produtos de limpeza o odor a loja de venda de produtos para piscinas. Mas só se conseguisse entrar sem acionar o sistema de segurança. Se acionasse o sistema de segurança, não teria tempo para observar muitos pormenores da sala.

O resto da casa incluía apenas um pequeno quarto e uma casa de banho, dispostos em linha reta desde a porta da rua até à parede de trás, sem nada no meio do caminho para a fazer tropeçar. Desligou a luz, poupando-se a mais uma viagem para o fazer.

Passou atabalhoadamente pela única porta que dava acesso ao quarto, desempenhando a rotina como um sonâmbulo. Passava luz suficiente pelas persianas — néon vermelho da estação de serviço do outro lado da rua — para não ter de acender o candeeiro. Primeiro, reorganizou dois dos travesseiros de penas pousados sobre a cama de casal que ocupava quase todo o espaço do quarto, dando-lhes um formato vagamente humano. Posto isto, enfiou nas fronhas os sacos de plástico herméticos cheios de sangue usados

nos disfarces de Halloween; ao perto, o sangue não era muito convincente, mas os sacos destinavam-se a enganar um atacante que partisse a janela, afastasse as persianas e disparasse dessa posição estratégica. Sob a meia-luz de néon, não seria capaz de detetar a diferença. A seguir, a cabeça — a máscara que usara fora outra aquisição dos saldos depois do Halloween, uma caricatura de algum candidato político derrotado, que tinha um tom de pele relativamente realista. Enchera-a de modo a ficar com o tamanho da sua própria cabeça e cosera-lhe uma cabeleira castanha de fraca qualidade. Mais importante do que tudo isto, um fio minúsculo, enfiado entre o colchão e o estrado, estava escondido nas pregas de náilon. Um fio semelhante atravessava a almofada sobre a qual repousava a cabeça. Puxou o lençol para cima e depois o cobertor, deu palmadinhas leves em todo o monte para o ajeitar e depois contorceu as pontas descarnadas dos dois fios para os unir. Era uma tarefa muito delicada. Se tocasse na cabeça, mesmo que muito ao de leve, ou movesse um bocadinho que fosse a almofada que fazia de corpo, os fios soltar-se-iam silenciosamente.

Deu um passo atrás e verificou o seu isco com olhos semicerrados. Não era o seu melhor trabalho, mas dava *mesmo* a impressão de que alguém estava a dormir naquela cama. Mesmo que um intruso não acreditasse que era Chris, mesmo assim teria de neutralizar o corpo adormecido antes de se lançar à procura dela.

Demasiado cansada para vestir o pijama, limitou-se a tirar as calças de ganga largas. Seria o suficiente. Pegou na quarta almofada e tirou o seu saco-cama de debaixo da cama; sentiu-os mais volumosos e mais pesados do que o habitual. Arrastou-os para a casa de banho compacta, despejou-os na banheira e fez as abluções indispensáveis. Hoje não lavaria o rosto, limitar-se-ia a escovar os dentes.

A arma e a máscara de gás repousavam ambas debaixo do lavatório, escondidas sob um monte de toalhas. Enfiou a máscara e apertou as correias, depois tapou a entrada do filtro com a palma da mão e inalou pelo nariz para verificar o selo. O ar da máscara foi sugado e esta colou-se-lhe ao rosto sem qualquer dificuldade. Colava-se sempre, mas não permitia que a familiaridade ou a exaustão a fizessem descurar esta rotina de segurança. Mudou a arma para o suporte de sabonete recortado na parede, sobre a banheira, ao qual chegaria com facilidade. Não morria de amores por armas

— até não era má atiradora quando comparada com um civil sem qualquer treino, mas não tinha a categoria de um profissional. No entanto, precisava de ter essa opção; um dia, os seus inimigos iriam perceber o funcionamento do seu sistema e as pessoas que a procuravam também usariam máscaras de gás.

Sinceramente, estava surpreendida por este estratagema a ter mantido a salvo durante tanto tempo.

Com um cilindro de absorção química selado e enfiado debaixo da alça do sutiã, arrastou os pés para dar os dois passos de regresso ao quarto. Ajoelhou-se ao lado do respiradouro, junto ao chão, à direita da cama que nunca usara. A grelha que cobria o respiradouro provavelmente não tinha o pó que devia ter, os parafusos da parte de cima da grelha não estavam totalmente enfiados e os de baixo nem sequer se encontravam lá, mas ela tinha a certeza de que ninguém que olhasse através da janela conseguiria reparar nesses pormenores ou compreender o seu significado, caso reparasse; o Sherlock Holmes seria provavelmente a única pessoa que ela *não* temia que atentasse contra a sua vida.

Soltou os parafusos de cima e retirou a grelha. Algumas coisas seriam imediatamente óbvias para alguém que olhasse para dentro do respiradouro. Um, a parte de trás do respiradouro estava selada, de modo que não se encontrava operacional. Dois, o grande balde branco e o grande conjunto de baterias provavelmente não deveriam ali estar. Retirou a tampa do balde e sentiu de imediato o mesmo cheiro químico que infestava a sala da entrada, tão familiar que mal dava por ele.

Enfiou o braço na escuridão por detrás do balde e retirou, primeiro, um dispositivo com uma mola, braços de metal e fios finos; em seguida, pegou na ampola de vidro do tamanho de um dedo dela; e, por fim, alcançou a luva de borracha. Posicionou o sole-noide — o dispositivo que retirara a uma máquina de lavar roupa estragada — de modo que os braços que saíam dele ficassem meio submersos no líquido incolor dentro do balde. Pestanejou com força duas vezes, tentando obrigar-se a ficar alerta; esta era a parte delicada. Calçou a luva na mão direita, depois retirou o cilindro da alça do sutiã e segurou-o em posição, na mão esquerda. Com a mão enluvada, inseriu cuidadosamente a ampola nos sulcos que fizera com o berbequim nos braços de metal para este efeito. A ampola descansou mesmo abaixo da superfície do ácido, mantendo-se o pó

branco inerte e inofensivo no seu interior. No entanto, se a corrente que percorria os fios que estavam ligados tão tenuemente em cima da cama fosse interrompida, o impulso faria com que o solenoide se fechasse e o vidro se partisse. O pó branco transformar-se-ia num gás que não tinha nada de inerte nem de inofensivo.

Era essencialmente o mesmo mecanismo que tinha na entrada da casa; só que as ligações dos fios eram aqui mais simples. Só montava esta armadilha quando se preparava para dormir.

Voltou a colocar a luva e a grelha do respiradouro e depois, com um sentimento que não chegava a ser suficientemente animado para lhe chamar alívio, regressou de imediato à casa de banho. A porta, tal como o respiradouro, podia ter dado uma pista a alguém tão atento aos pormenores como o Sr. Holmes — o revestimento de borracha suave em torno da moldura da porta não era seguramente habitual. Não conseguiria selar totalmente a casa de banho do quarto, mas dar-lhe-ia mais tempo para ela reagir.

Deixou-se cair na banheira, num colapso em câmara lenta, aterrando no saco-cama insuflado. Demorara algum tempo a habituar-se a dormir de máscara, mas agora nem pensava nela quando fechava os olhos com gratidão.

Remexeu-se dentro do casulo de penas e náilon, contorcendo-se até o quadrado rígido do seu *iPad* ficar aninhado na base das costas. Estava ligado a uma extensão que recebia a energia dos fios da sala da entrada. Se a energia flutuasse ao longo dessa linha, o *iPad* começaria a vibrar. Ela sabia por experiência própria que isso seria o suficiente para a acordar, mesmo estando tão cansada como nesta noite. Também sabia que conseguiria quebrar o selo do cilindro — ainda na sua mão esquerda, apertado contra o peito como se fosse o ursinho de peluche de uma criança — e enfiá-lo no sítio próprio da máscara de gás em menos de três segundos, apesar de estar apenas semiacordada, às escuras e a sustentar a respiração. Praticara o movimento inúmeras vezes e depois dera provas de que o conseguia fazer nas três emergências que não tinham sido treino nenhum. Ela sobrevivera. O seu sistema funcionava.

Mesmo exausta como estava, teve de permitir que a sua mente relembresse os males daquele dia antes de ficar inconsciente. Era terrível para ela — como a dor de um membro fantasma, que não está relacionada com qualquer parte específica do corpo, mas simplesmente *existe* de qualquer forma — saber que a tinham

conseguido encontrar novamente. Também não ficara satisfeita com o seu *e-mail* de resposta. Formara o plano com demasiada impulsividade para estar certa dele. E agora teria de agir mais depressa do que gostaria.

Conhecia a teoria — por vezes, se corrermos direitos ao tipo com a pistola, conseguimos apanhá-lo desprevenido. A fuga era sempre o seu passo preferido, mas não via forma de escapar à alternativa desta vez. Talvez amanhã, depois de o seu cérebro cansado recarregar baterias.

Rodeada pela sua teia, adormeceu.